

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATU SENSO*

**ESPECIALIZAÇÃO EM EJA E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE
LIBERDADE**

**(DES) ENCONTROS DO TRABALHO DOCENTE E TRABALHO
PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

Adriana Tomiello Schonardie

Porto Alegre, janeiro de 2012.

ADRIANA TOMIELLO SCHONARDIE

**(DES) ENCONTROS DO TRABALHO DOCENTE E TRABALHO
PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS para a Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade.

Professora Laura Souza Fonseca (orientadora)

Porto Alegre, 16 de janeiro de 2012.

RESUMO - (Des) Encontros do trabalho docente e trabalho pedagógico na Educação de Jovens e Adultos. Este texto apresenta reflexões acerca do trabalho docente como um processo que relaciona conhecimentos dentro de um processo dialético relacionado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto – como se produz a realidade social. Este processo é intermediado pelo trabalho pedagógico que é a prática, isto é, atividades pedagógicas como um conjunto de ações intencionais e conscientes, dirigidas para que estimulem e desenvolvam as potencialidades dos sujeitos envolvidos. A abordagem se constrói a partir de impressões acumuladas em um campo de atuação, na coordenação pedagógica e também em sala de aula, em uma escola na rede pública Estadual de Porto Alegre com a modalidade de Educação de Jovens e Adultos. A metodologia emerge de um estudo de caso, tendo como instrumentos: revisão da produção acadêmica; entrevistas e questionários; observação participante; além de indagações e reflexões sobre até que ponto o trabalho docente, condiz com a especificidade da modalidade. Que significados a EJA tem para estes docentes e/ou porque escolheram esta área de atuação. Averiguar relações de trabalho docente/discente, orientadas através do discurso pedagógico para transformação da sociedade. Investigar os caminhos formativos específicos ou não, para se tornarem docentes nesta área da educação. O foco de trabalho centralizou-se no âmbito da educação escolar na modalidade EJA no ensino fundamental - séries finais.

Palavras-chave: trabalho docente; trabalho pedagógico; escola; reflexões; Educação de Jovens e Adultos.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	6
2 Espaços de trabalho docente e trabalho pedagógico na EJA.....	7
3 Contextos e Concepções.....	10
4 Educação como processo dialético do aprender e ensinar.....	13
4.1 Local e contexto.....	14
4.2 O sujeito e sua subjetividade.....	16
4.3 A voz dos sujeitos.....	17
5. Considerações Finais	19
6. Referências Bibliográficas.....	22
ANEXOS.....	23

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros

1. Introdução

“Repetir, repetir – até ficar diferente.”

(Manoel de Barros)

A abordagem deste texto partiu de impressões acumuladas em meu campo de atuação, na coordenação pedagógica e ora em sala de aula, em uma escola da rede pública estadual de Porto Alegre com a modalidade de educação de jovens e adultos. Procurei identificar até que ponto o trabalho docente, condiz com a especificidade da modalidade. Que significados a EJA tem para esses docentes e/ou por que escolheram esta área de atuação. Investigar os caminhos formativos específicos ou não, para se tornarem docentes nesta área da educação. O foco de trabalho foi no âmbito da educação escolar na modalidade EJA no ensino fundamental - séries finais. Tendo por objetivo geral apresentar uma discussão sobre os (des) encontros do/no trabalho docente e pedagógico na modalidade EJA. O desenvolvimento da pesquisa gerou a coleta e análise de dados empíricos sobre o exercício da docência na educação de Jovens e adultos. O atual contexto traz à necessidade cada vez maior de formação básica, continuada ou em serviço dessa modalidade de Educação. Percebo a formação como um processo permanente não apenas institucional, mas político.

Partindo de uma problemática educacional, busquei abordar os desafios que se interpõem na realização do trabalho docente que nesta área de ensino (EJA) é muitas vezes, ocupada por docentes sem uma formação específica, com formação inicial adquirida em curso de licenciatura, ou por vezes até sem formação superior. Situações essas que acabam interferindo na prática cotidiana, pois sem uma base de conhecimento na área específica da EJA, acaba por fragilizar o trabalho pedagógico. O tema formação docente suscita desafios tanto no campo político quanto no pedagógico. Enquanto no primeiro é importante que se faça uma avaliação das políticas públicas evidenciadas no contexto de pós-Lei 9.394/96, tendo como foco de análise o financiamento da formação de educadores da EJA (Machado, 2010). No campo pedagógico, há importância em discussões de modelos tradicionais “conteudistas”, que estão incorporadas nos docentes de forma contraditória a uma proposta crítica de formação de educadores de jovens e adultos.

2. Espaços de trabalho docente e trabalho pedagógico na EJA...

As relações de trabalho na educação merecem atenção, de forma mais pontual uma inquietação com o processo que se estabelece na escola, enquanto espaço em que questões relacionadas aos docentes com os saberes que ensinam, à aprendizagem, aos aspectos culturais, sociais, políticos envolvidos, se entrelaçam. Ainda que, a discussão sobre essa questão não seja recente, a teia de relações, as mudanças que acontecem no mundo do trabalho e nas relações sociais, provocam novas demandas na educação, também em função de novas possibilidades e formas pedagógicas no desenvolvimento do trabalho docente.

Repensar o educador que atua nestas classes de EJA, se faz necessário, fazendo-o refletir sobre sua prática pedagógica, como sujeitos mais conscientes de seu papel no atendimento a parcelas significativas da população que, foram de uma forma ou de outra, excluídas das ações de escolarização. Através de discussão teórica e metodológica do campo em questão, vislumbrar novas possibilidades educativas.

Entendo trabalho docente como um processo que relaciona conhecimentos e saberes de sujeitos, dentro de um determinado espaço e tempo para a efetivação do processo educativo, sendo que esse traz no seu interior, sempre uma determinada prática social. Este processo é intermediado pelo trabalho pedagógico que é a prática, isto é, atividades pedagógicas como um conjunto de ações intencionais, conscientes, dirigidas para que estimulem e desenvolvam as potencialidades dos sujeitos envolvidos.

Numa problemática mais ampla que é a própria constituição da educação de jovens e adultos, como campo pedagógico em que desde Paulo Freire, percebemos a importância de partir de saberes e vivências de sujeitos, reafirmando que “Os homens se educam entre si, mediados pelo mundo”.

Dessa forma, contradições que fazem parte da realidade escolar ou fora dela, nos permitem refletir sobre a precariedade que permeia o trabalho docente. Trabalho com dimensões baseados em direitos, deveres e também nas experiências de diversidade no cotidiano e suas consequências na produção de conhecimentos através do trabalho pedagógico. Toda ação pedagógica também é política, pois o docente como sujeito do processo tem por base sua leitura de mundo, da realidade da qual faz parte.

O trabalho docente no modo de produção capitalista é também transformado em mercadoria. Os docentes se vêm submersos em condições precárias de trabalho e formação. As condições de trabalho, desde os aspectos físicos e materiais, às condições de salário e carreira, muitas vezes indignas. Os salários e os planos de carreira existentes não estimulam os professores a buscarem algum tipo de aperfeiçoamento ou formação para melhorar profissionalmente.

Há anos atrás, o professor carregava a imagem social de dono de saberes, um profissional com controle sobre seu trabalho e muitas vezes dentro de determinada comunidade gozava de muito prestígio. Hoje, a maior parte, identificados como assalariados, muitas vezes não qualificado e com pouco controle de seu trabalho.

É importante chamar atenção que há no interior da escola, relações de poder travadas constantemente. Perceber que as relações sociais, o espaço de confronto, as lutas e acomodações, acontecem concretamente, pois há uma base material, ou seja, o próprio desenvolvimento do trabalho na escola, que é (con)formada pelos sujeitos sociais presentes nessa realidade, e que é parte integrante do movimento mais amplo de desenvolvimento da própria sociedade capitalista.

A EJA vem de uma tradição histórica de educação popular em que o diálogo e a investigação marcaram seus princípios básicos. As condições de trabalho baseadas em políticas públicas que não atendem as reais necessidades, entre outras, a garantia de efetiva permanência no exercício de seu trabalho através de concursos/contratos e convocações.

A lei do Plano de Carreira, a 6672 de 22/04/1974, foi resultado de um processo de discussão, considerado progressivo, pois até hoje estabelece as diretrizes e bases da educação nacional como Estatuto e Plano de Carreira do Magistério Público do Rio Grande do Sul. Na realidade, estamos à mercê de políticas de governo ao invés de estado, pois dependendo do governo vigente no poder a continuidade de uma construção coletiva que possa existir, se perde e novas lacunas se abrem, provocando muitas vezes recuos, ao invés de avanços.

O exercício da docência na educação de Jovens e adultos traz no atual contexto, à necessidade cada vez maior de formação básica, continuada ou em serviço dessa modalidade de Educação.

Estudos desenvolvidos, no que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos, seus saberes, práticas, necessidades, desafios, políticas e formação, considerados cada vez mais relevantes, dentro de um processo de trabalho na escola. Recentemente, a professora Dr^a Denise Comerlato coordenou um levantamento das produções acadêmicas da UFRGS no âmbito da Educação de Jovens e Adultos – EJA, no período entre 1990 e 2009, trabalho do qual participei.

Em um universo de 278 trabalhos catalogados como parte desse estudo, classificados por tipologias/categorias, foram identificados 19 cuja temática contempla a formação e prática docente. Verificando os desafios e necessidades de formação específica dos educadores com um compromisso social, apropriação de conhecimentos, além de espaço para reflexão sobre experiências, contextos, realidades, pesquisa e extensão na busca pela cidadania.

No que se refere à escola, Bourdieu evoca-a como lugar em que pela própria lógica de seu funcionamento, modifica o conteúdo e o espírito da cultura que transmite, e, sobretudo, cumpre a função expressa de transformar o legado coletivo em um inconsciente individual e comum. (1987, p.212). Assim, nosso sistema educacional, contribui para manutenção da desigualdade social e econômica. A dimensão política do docente não está atrelada a “política partidária”, mas sim a sua consciência crítica, afinal o ensinar e o aprender não estão dissociados um do outro e muito menos da realidade, do contexto que os cercam.

Nesse sentido, como também os docentes da EJA têm seu objeto de estudo, bem como, seu trabalho fundamentado em torno de processos educativos. Marcados historicamente por aspectos econômicos, culturais e sociais de cada época torna-se fundamental, hoje, a discussão sobre como a formação inicial ou continuada vem sendo construída e se de fato ela acontece.

Saviani ao relacionar o homem e os valores, faz uma ligação entre a relação de colaboração dos homens atuando sobre a situação e comunicando-se entre si, descobre-se que o domínio do prático-utilitário não satisfaz: “o homem é aquele animal para o qual o supérfluo é necessário”, diz Ortega Y Gasset. Pode-se, então perceber o homem com necessidades de destacar-se na natureza, produzindo a sua própria existência, bem como Saviani (2001) exemplifica:

“Assim, enquanto os animais se adaptam à natureza, o homem tem que adaptar a natureza a si, isto é, ele tem que agir sobre a natureza e transformá-la adequando-a as suas necessidades porque sem isso ele perece. Ora, o ato de produzir a própria existência agindo sobre a natureza e transformando-a, é o que nós conhecemos pelo nome de trabalho o qual implica na criação da cultura que outra coisa não é senão a produção da realidade humana no tempo.” (p.4)

O ato de destacar-se na natureza pode ser interpretado no contexto escolar como o grande desafio que se encontra na prática educativa, reconhecendo-se como prática política, num contexto em que sonhos, frustrações, dúvidas, medos e desejos se mesclam, procurando ser nosso ponto de partida e não de chegada.

Este processo acontece à medida que, de fato, tanto nós professores como nossos alunos consigam recuperar suas vozes, isto é, que a individualidade de cada um, faça parte de um projeto ético e político mais amplo, com significados mais democráticos e transformadores. Exige uma preocupação de inserir a prática educativa dentro de um real projeto reflexivo. É nosso grande desafio e um sonho menos feio, menos autoritário e mais coletivo, democrático e humano..

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - Contextos e concepções

No processo de escuta e diálogos com colegas no decorrer da pesquisa eram recorrentes as falas sobre a existência de uma *especificidade* na EJA que indicava além da necessidade de formação própria para os docentes envolvidos, uma melhor compreensão nas relações entre sujeitos e o entorno que estão imersos. Ou seja, descompasso entre o avanço tecnológico e as mudanças sociais articuladas às grandes diversidades econômicas, político-sociais.

Novas demandas se estabelecem hoje no mundo contemporâneo, cada vez mais, de forma marcante, conduzem novas concepções de trabalho. Graças ao processo de globalização, bem como aos avanços tecnológicos, significativas mudanças foram geradas nas relações e na organização do trabalho que ora se efetivam.

Hoje, a qualificação tem servido de emblema para o sistema produtivo, exigindo maior domínio de novos conhecimentos, além de desenvolvimento de habilidades e competências mais complexas para atender ao mercado de trabalho. Assim, se acentua a lógica de um modelo que produz a exclusão. Afinal, a grande maioria dos sujeitos da EJA tem pouco ou nenhum acesso ao setor formal da economia brasileira. Muitos jovens de classes populares e adultos trabalhadores integram-se ao setor informal, caracterizado por ocupações com baixa remuneração e sem carteira assinada, fazendo com que fiquem à margem de mecanismos de proteção social e de direitos trabalhistas.

O próprio Parecer da EJA comprova essa realidade ao afirmar que:

“...as condições sociais adversas e as sequelas de um passado ainda mais perverso se associam a inadequados fatores administrativos de planejamento e dimensões qualitativas internas à escolarização e, nesta medida, condicionam o sucesso de muitos alunos. A média nacional de permanência na escola na etapa obrigatória (oito anos) fica entre quatro e seis anos. E os oito anos obrigatórios acabam por se converter em 11 anos, na média, estendendo a duração do ensino fundamental quando os alunos já deveriam estar cursando o ensino médio. Expressão desta realidade são a repetência, a reprovação e a evasão, mantendo-se e aprofundando-se a distorção idade/ano e retardando um acerto definitivo no fluxo escolar. Embora abrigue 36 milhões de crianças no ensino fundamental, o quadro sócio-educacional seletivo continua a reproduzir excluídos dos ensinos fundamental e médio, mantendo adolescentes, jovens e adultos sem escolaridade obrigatória completa.”

Os saberes de sujeitos, dentro de um determinado espaço e tempo para a efetivação do processo educativo. Levando-se em conta que há um modo de pensar dominante ou de acordo com uma ideologia dominante que se estabelecem, também no interior da escola, relações de poder são travadas constantemente. Gramsci nos evidencia:

“Pela própria concepção de mundo pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homem-massa ou homens coletivos.”

A realidade demonstra que no confronto com nossos pares, isto é, com colegas dentro de um mesmo grupo de trabalho é que se cria ou estabelece afinidades, posturas semelhantes ou não. As categorizações sociais determinam identificações coletivas que constituem uma

matriz de disposições (o habitus de Bourdieu), condicionando o acesso a posições sociais e o cumprimento de papéis sociais. (Dubar).

Percebe-se muitas vezes que dentro do grupo de docentes, pequenas iniciativas de relacionar saberes, sistematizar experiências e debates acontecem em meio a grandes potencialidades e fragilidades conforme os objetivos que a elas implicam. Destaco nessa mediação, muitas vezes proposta pelo docente, a forma de como trabalhar o atendimento pedagógico na EJA e a tensão estabelecida entre a relação tempo/cotidiano/conteúdo:

“(...) na EJA não temos condições de manter a mesma forma de trabalho do ensino regular, pois o tempo é reduzido e temos que diminuir o número de conteúdos. Mas temos que ter o cuidado para que conteúdos “chave” sejam desenvolvidos. Sempre há esta preocupação, pois ao término do fundamental, alguns vão para o Médio Regular, outros para o Médio EJA, precisando da base e noção de conceitos básicos. A metodologia se faz através de explicações, quadro, livros, trabalhos individuais e em grupos. Acredito que a Educação se dá através de leitura e compreensão de textos que façam o aluno pensar, relacionando-os ao cotidiano.” Docente 5

O modo como os docentes de EJA trabalham com seus alunos de acordo com a pesquisa, refere-se pouco aos diferentes níveis de conhecimento e ritmos de aprendizagem no espaço de sala de aula. Através do depoimento do docente 5 evidencia-se de que forma pensam a aula e como definem as atividades para sua ação com jovens e adultos, baseados prioritariamente em conteúdos.

A comunicação muitas vezes traz a subjetividade atrelada à linguagem, que revela e ao mesmo tempo oculta, simultaneamente, aparências, pontos de vista, preconceitos, ideias, além do modo de ser e de não ser dos trabalhadores docentes.

No processo de escolarização de jovens e adultos os docentes realçam os diferentes ritmos de organização dos discentes, com pouca ou nenhuma escolarização ou que por diversos fatores não conseguiram dar continuidade a seus estudos: “A modalidade EJA é bastante diferenciada do ensino regular, pois convivemos com alunos que tem uma série de dificuldades....”

Os docentes, ao se referirem sobre sua visão da Educação de Jovens e Adultos, indicam, nessa relação, como um ato de ensinar, subentendido como compensatório por um

lado, e como ajuda por outro. Uma visão na qual se esforçam em perceber aspectos compensatórios como também condescendente, como se observa no depoimento:

(...) A EJA é uma modalidade de ensino compensatória, para atender principalmente os alunos(as) que não tiveram a oportunidade de estudar, quando da idade escolar indicada, ou obrigatória. Ela, é diferenciada por que a visão dos alunos é diferente das crianças ou adolescentes, além de seus interesses serem outros...” Docente 2

Na corrente de debates entorno das temáticas que envolvem o direito à educação de jovens e adultos, políticas públicas para a EJA, financiamento, condições e expansão de oferta educacional, a questão sobre a formação docente tem sido abordada como uma das emergentes problemáticas percebidas por pesquisadores em diferentes fóruns de reflexão. Além da preocupação com a formação e qualificação docente é relevante ressaltar as implicações que a desvalorização profissional bem como a falta de melhores condições salariais interferem no trabalho docente e conseqüentemente no trabalho pedagógico

No diálogo sobre formação docente, a grande maioria dos docentes entrevistados julga importante a formação específica para EJA. De forma a atender mais e melhor as necessidades e expectativas desse público de jovens e adultos, além de fazer o docente repensar sua prática como espaço de mão dupla, isto é, a modalidade EJA como espaço em que se ensina e ao mesmo tempo se aprende.

4. METODOLOGIA – Educação como processo dialético do aprender e ensinar

Procurei através de meus colegas de trabalho, transformá-los em parceiros de compreensão do processo de construção dialético do aprender e ensinar ao refletir sobre a sua condição de ser educador de jovens e adultos. Para compreensão desse processo dialético, entendo como uma discussão e convite, à leitura, reflexão sobre a especificidade em que a educação de jovens e adultos é constituída.

Julgo importante destacar, o alerta para a necessidade de um exercício de reflexividade, trazido por Bourdieu entre eu (pesquisador) e o meu objeto de pesquisa já que me encontro em meu próprio local de trabalho com (colegas docentes do Ensino Fundamental da EJA - séries finais). A busca do agir reflexivo teria, em última instância, a finalidade de elaboração de uma comunicação efetiva e que fosse capaz de reduzir os efeitos da “intrusão” que a situação da pesquisa pode significar ao pesquisado.

Nas palavras do próprio Bourdieu (1997):

“É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras.” (p.695).

Este trabalho se estruturou em três momentos, sendo que o primeiro é denominado local e contexto, delinea o campo e apresenta o contexto social e pedagógico; o segundo é o sujeito e sua subjetividade, que reflete sobre o trabalho docente e subjetividade ancorada em referenciais teóricos; e o terceiro, a voz dos sujeitos, são análises e discussões dos depoimentos de cinco docentes que se disponibilizaram a descrever e narrar sua experiência pedagógica.

Este aprofundamento teórico-metodológico tem como contribuição a tessitura marcada através da cultura, política, resistência, conflitos e manifestações de educadores como Paulo Freire, teóricos e pesquisadores da área como Bourdieu, além de Gaudêncio Frigotto, Dermeval Saviani, Sônia Rummert e Laura Souza Fonseca que grande importância têm na busca da construção de relações nos (des)encontros do trabalho docente e trabalho pedagógico na EJA.

4.1 Local e contexto

A escola se configura no local, “ao ser entendida como espaço intencional que permite aos seus membros se constituírem, tanto individual com subjetivamente, e ao dar-lhes um contorno identitário agenciado pela ação educativa. Esta, protagonizada pelo educador, supõe a facilitação da conscientização social, a democracia, a esperança e a preparação do aluno para intervir no mundo (FREIRE, 1996).”

É sob esta perspectiva do estabelecimento de uma relação compreensiva que gostaria de dialogar sobre o trabalho docente e trabalho pedagógico com seus (des) encontros propondo construir significativos encontros na Educação de Jovens e Adultos. Guardando-se as devidas proporções entre uma situação de pesquisa sob a direção de uma pesquisadora e um processo de ensino-aprendizagem, é possível dizer que estou diante de um campo de interação simbólico. Campo capaz de produzir (re) conhecimentos e proximidades, mas também distâncias e estranhamentos entre sujeitos situados em um mesmo espaço de trabalho.

O início de um sonho...

Partindo do ponto de que meu trabalho se dá, além da sala de aula, também com professores da rede pública em uma escola na região leste da capital gaúcha, com cerca de 1600 alunos, nos três turnos. A Educação de Jovens e Adultos foi implantada nesse espaço em 2003, fruto de um processo coletivo da comunidade. Através do movimento comunitário e popular do Conselho das comunidades da Grande Glória e da então diretora eleita oriunda desse mesmo grupo da comunidade. Houve um processo de intensas discussões, pois o turno da noite em anos anteriores contava com inúmeras situações e conflitos de violência. Lentamente, a comunidade foi se aproximando da gestão que se propunha a mudar a realidade que se apresentava. Em uma dessas discussões, descobriu-se que a revolta e a violência pelo grupo de alta vulnerabilidade* que se dava no entorno da escola era explicado pela “grande luminosidade na esquina...”, incomodava muito alguns, pois até então era muito usado como ponto de tráfico de drogas e/ou o ciúme daqueles que estudavam, pois tinham mais “oportunidades...”. A partir de então, depois de alguns embates e acordos, formou-se uma comissão para recolher assinaturas e formalizar a proposta de ampliação da escola e do anseio da Comunidade com muitos jovens e adultos de voltarem a estudar. Na metade do ano de 2003, após a apresentação de mais de 400 assinaturas para comprovar a demanda e documentos solicitados pela Secretaria de Educação, o sonho foi efetivado. Foi neste período em que passei a fazer parte deste sonho.

O início foi difícil, como tudo que é novo, pois não havia vagas para todos, foi necessário fazer lista de espera para atender tamanha demanda. Muitas foram às dificuldades, como falta de recursos humanos - supervisão, orientação educacional, manutenção e limpeza, além da falta da merenda escolar. As turmas eram superlotadas, com muita falta de professores e despreparo dos mesmos para uma metodologia mais participativa e

emancipatória. No ano seguinte iniciou-se o Ensino Médio da EJA, com base curricular igual ao Ensino Médio Regular.

No relato percebe-se a luta por espaços de escolarização. Na educação de jovens e adultos das camadas populares, a quem foi excluído do desenvolvimento e dos sistemas educacionais de ensino (Haddad), bem como sua apropriação, parte do pressuposto que aprender e ensinar não depende da capacidade de uma ou outra pessoa, mas é resultado de uma construção coletiva. Educar é aprender também com a diferença, além de possibilitar a legitimação nos grupos populares em suas diferentes culturas.

A educação de jovens e adultos tem se expandido no país, porém a realidade enfrentada especificamente pela EJA, tanto por professores quanto por alunos refletem um processo de descaso tanto por parte dos governantes quanto de políticas públicas. Ao falar especificamente da Educação e da EJA, Fonseca alerta que “...*exceto o FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica) e o Piso Salarial Nacional da Educação Básica Pública (PSPN), se constituem em políticas de Estado, as demais têm sido executadas como políticas de governo*”. Percebe-se, assim a falta de uma política específica para esse público, além de um tratamento inconveniente recebido pela maioria das escolas; pelo descaso da construção de uma identidade própria para a EJA. Temos ainda uma longa caminhada, pois apesar da Educação de Jovens haver uma longa história, a partir de muitas histórias, é um campo que demanda mais pesquisa, atenção de políticas públicas e diretrizes educacionais, bem como formação de educadores e intervenções pedagógicas.

4.2 O sujeito e sua subjetividade.

Partindo do princípio de que o ser humano é capaz de criar e recriar, pela ação consciente do trabalho, sua própria existência (Lukács, 1978), é possível pensar na dimensão criadora de vida do trabalho e as formas históricas que têm assumido. Dessa forma, Frigotto (2005, p. 13) reitera o pensamento de Marx destacando a dupla face do trabalho concebido como valor de uso: criador e mantenedor de vida humana em suas múltiplas e históricas necessidades e, como decorrência dessa compreensão, princípio educativo.

O trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade – é necessidade natural e eterna de efetivar intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana. (Marx, 1982, p.50)

Nesta concepção de trabalho, é possível compreender o trabalho docente, sustentando-se na especificidade na EJA, na condição de que tanto o aluno quanto o professor são trabalhadores, considerando suas particularidades. A relação básica que se estabelece entre o homem com a natureza é mediada pelo trabalho, partindo-se da concepção de natureza humana proposta por Marx e Engels. A natureza da educação tem relação fundamental com uma visão que se estabelece com o mundo do trabalho, adaptando-a suas necessidades, dificuldades e crises.

O educador como o sujeito-professor aquele inserido no contexto escolar exerce a ação educativa. O grupo de docentes, do indivíduo-professor, que atuam na referida escola é composto de dez educadores, com sua maneira de trabalhar relações interpessoais no ambiente da sala de aula; suas atitudes frente ao comportamento dos alunos, sua postura em relação ao fazer pedagógico, seus sentimentos e emoções relativos a esse contexto são elementos que auxiliam na compreensão de ser do professor da EJA.

O grupo de docentes tem idades diferenciadas entre trinta e sessenta anos com carga horária de 31h até 60h, com Ensino Superior – Licenciaturas.

4.3 A voz dos sujeitos. Como vemos a EJA e como ela nos olha?

Os docentes da escola em que a pesquisa se realizou num universo de seis professores questionados sobre sua visão da EJA como modalidade diferenciada do Ensino Regular. Apenas dois não acreditam haver diferenças entre a modalidade EJA e o Regular:

“Minha visão é a mesma do Ensino Regular, pois ambas têm dificuldades, facilidades, interesses e desinteresses na mesma proporção. Eu trabalho com o Ensino Regular também, além da EJA.” (MS)

O próprio educador, muitas vezes não percebe que o homem a educar, é o sujeito de sua própria educação. A releitura de mundo, porém não se encontra apenas no homem a se educar. Também no próprio educador que através da possibilidade de ligação entre sua teoria

e prática, conhecimentos e saberes com as especificidades da educação de jovens e adultos, dos grupos populares é que se produz e se transforma.

As diferenças ressaltadas se dão através do aspecto tempo, ser mais reduzido, menor; a vivência e conhecimentos da vida cotidiana bem como idades bastante diferenciadas. Quanto à forma de trabalhar com turmas nas diferentes modalidades, consideram-nas muito semelhantes, pois como afirma um docente: “a matéria curricular é universal, bem como o conhecimento a ser transmitido é o mesmo, para o regular e a EJA...” (NN).

A Educação de Jovens e Adultos, na sua formatação atual, está totalmente descaracterizada, uma vez que é a imagem e semelhança da educação básica “regular” e nesta também se percebe uma perda de qualidade. Há de se buscar como afirma Haddad “um novo modelo de escola que possa estruturalmente estar voltado às necessidades do trabalhador que volta à escola.”

Vivemos um paradoxo, pois enquanto os meios de comunicação e repetitivos governos e discursos responsabilizam e cobram competências e avaliações sistemáticas aos docentes sobre a qualidade de ensino, a formação permanente que é uma necessidade pouco acontece. A formação docente em EJA é ainda muito escassa, pois se constitui num campo complexo, mas também um direito que merece maior atenção e significação. Afinal, o ensinar e o aprender são uma via de mão dupla. Cada vez mais há necessidade de se repensar a prática docente, pois na discussão sobre seu trabalho na diversidade, conflitos, dificuldades e fracassos podem surgir novas possibilidades, a fim de vislumbrarmos novas perspectivas, mediando saberes, conhecimentos e práticas pedagógicas.

5. Considerações Finais:

No decorrer das reflexões a respeito dos (des) encontros do trabalho docente e trabalho pedagógico na Educação de Jovens e Adultos, houve uma investigação sobre como acontece esse processo de trabalho pedagógico, através do trabalho docente em uma modalidade de ensino com sujeitos de realidade ao mesmo tempo específica e diversificada.

Ressaltei a importância e o compromisso de uma formação voltada às peculiaridades da EJA, que na realidade nem sempre são levadas em conta. Percebi que a maioria dos

docentes da EJA, são muitas vezes, os mesmos do ensino regular. Há uma continuidade/descontinuidade entre as práticas pedagógicas do ensino regular, ainda com uma rigidez na estrutura educacional e não adaptadas as especificidades da EJA, tais como, por exemplo, a necessidade de conhecer de fato os sujeitos que as compõem, bem como sonhos, necessidades e desafios.

Foram seis docentes pesquisados que se disponibilizaram a participar através de questionários, entrevistas orais, conversas espontâneas para uma reflexão considerando suas perspectivas e desafios que enfrentam com essa modalidade de educação. A partir de conversas e reflexões das práticas percebi como o trabalho docente está representado.

O trabalho docente na educação de jovens e adultos, de acordo como os próprios docentes reiteraram, não são pensados na organização tempo-espço, no sentido de aproveitar os já percursos formativos mais diversificados e significativos destes sujeitos que compõem a EJA, mas sim a preocupação com conteúdos, saberes escolarizados.

O grupo de docentes expressa que conhecia ou já havia trabalhado nesta modalidade em outra escola, mas que durante seu período de formação inicial acadêmica não teve contato ou experiência alguma com esta modalidade de educação. A docência foi se construindo como sujeito, no seu fazer e no seu caminhar de acordo com seus conhecimentos, saberes, práticas e significados.

Percebe-se, ainda com dados na pesquisa, que apesar da preocupação com os conteúdos, métodos, há interesse e necessidade de alguns docentes em conjugar teoria e prática, pois manifestam a importância de formação contínua e principalmente em serviço. Saliento que a formação de docentes é um aspecto importante para o desenvolvimento da EJA, como espaço de reflexão e de relações, tanto de saber quanto com relação a leituras de contextos inseridos nesta realidade.

Fazemos parte de uma sociedade em que valores, conceitos, representações lastreiam o nosso modo de ser e de agir, a escola pode ser a mediadora de disseminar ideias, compartilhar espaços, isto é, dar espaço para relacionar o currículo com o contexto dos sujeitos da EJA.

Aproveitando ideias de Gramsci, reafirmadas por Frigotto, acredito na importância de três funções que temos ao mesmo tempo também como docentes: Ajudar a ler a realidade;

ajudar as pessoas (sujeitos) a quererem mudar essa realidade, além de organizar-se para poder mudá-la. Seguramente não é um pensamento que compete ou faz parte apenas do segmento dos docentes, mas construído através do coletivo, em grupo de forma a ser compartilhado para criar força e ser efetivado por toda comunidade escolar.

A EJA compreende uma modalidade de sujeitos de direitos, bem como seus docentes que tem na formação um processo permanente, reconhecendo seus saberes e com relações mais amplas através da cultura e política. Afinal, toda ação pedagógica é política e exige trocas de experiências e debates no seu desenvolvimento.

Ao se discutir e refletir sobre a formação docente na escola com seus respectivos docentes os quais participaram da pesquisa, sobre os (des) encontros do trabalho docente e trabalho pedagógico na EJA, descortinou-se um processo que de forma lenta, gradual e significativo precisa ser trilhado, afinal não se chegou a conclusões acabadas, muito menos a receitas prontas.

Um caminho possível, não o único, nos é possibilitado através de Freire, tanto que ele próprio nos chama atenção através de sua pedagogia crítica sobre a fundamental importância do diálogo no processo educacional. Afinal, o *“conhecimento não se transfere, o conhecimento se constrói”*. Ele não é dado de graça, como na perspectiva da educação bancária, mas produzido na estreita relação entre a teoria e a prática. *“A prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar. O pensamento que ilumina a prática é por ela iluminado, tal como a prática que ilumina o pensamento é por ele iluminado.”* (Freire, 1978, p. 65).

Esse pensamento de Freire, já muitas vezes, discutido por tantos estudantes e estudiosos nos dá a dimensão da necessidade e importância do trabalho docente e trabalho pedagógico num contexto da própria constituição da EJA, enquanto espaço de trocas e construção de conhecimentos.

Finalizo, argumentando que as relações de trabalho na escola são construídas por relações sociais e, se estabelecem a partir de experiências do cotidiano e da própria cultura, levando em conta seus aspectos sociais, políticos e econômicos. Assim, os processos dos (des) encontros do trabalho docente e trabalho pedagógico são resultantes dessa mediação. Há assim, uma necessidade de reflexão constante sobre uma significativa formação de

professores, da valorização profissional, além de um maior envolvimento de toda sociedade na construção e estudo de uma nova realidade em educação.

5. Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

COMERLATO, Denise. **Catálogo das Produções Acadêmicas da Educação de Jovens e Adultos na UFRGS (1990-2009)**, Porto Alegre: UFRGS, 2009

DUBAR, Claude. **Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100002 acesso 14/10/11 às 09:58

FONSECA, Laura Souza. **EJA: lutas e conquistas! – a luta contínua: formação de professores em EJA**, Revej@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos, v., 2, n.2, agosto de 2008, p. 90

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP. 2000

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida**. In: Frigotto, Gaudêncio e Ciavatta, Maria (orgs.) **A experiência do trabalho e a educação básica**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P.13

GIROUX, Henry. **Alfabetização e pedagogia do empowerment político**. In: FREIRE, Paulo & MACEDO, Ed. Paz e Terra, 1990. P.11 e 14(Introdução)

RUMMERT, S. M. **Jovens e adultos trabalhadores e escola**. A riqueza de uma relação a construir. In: Frigotto, Gaudêncio e Ciavatta, Maria (orgs.) **A experiência do trabalho e a educação básica**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.126

SAVIANI, Dermeval. **ÉTICA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA – PhiloS (Revista Brasileira de Filosofia) Revista Nº 15 –Ano 8 – 1º Sem/2001, Pgs. 19 a 37**

Anexo de Pesquisa - I

Quadro/síntese das entrevistas:

Sexo: Feminino	Idade: 34 anos	Carga horária: 34 h.	Nível de formação: Licenciatura em Matemática	Efetividade: Contrato
----------------	----------------	----------------------	-----------------------------------------------	-----------------------

Docente 1 – Nunca havia trabalhado com EJA antes, ao terminar o Ensino Superior (2008), surgiu à oportunidade de um contrato no noturno com a modalidade EJA e assumiu turmas do Ensino Médio como do Fundamental, na referida escola. No início via a EJA como uma “oportunidade para pessoas, que não conseguiram por algum motivo estudar no tempo certo, resgatarem e/ou conquistarem seus ideais, tanto profissionalmente como pessoalmente.” Hoje em dia pensa que para muitos é apenas uma forma de “fugir de algumas etapas da vida”. Referiu-se ao tempo de permanência na escola, possibilidade de terminar o Ensino Fundamental e Médio de forma mais rápida, condensada. Percebe a EJA como um público diferente, por isso a necessidade de “ter um diferencial” de trabalho, algo que chame atenção e desperte mais o interesse desse aluno. Nunca participou de formação a não ser a que ora se realiza na escola, formação em serviço. Uma parceria entre a escola e a UFRGS, Cardápios de Formação <http://cardapiosdeformacao.blogspot.com>, projeto da professora Aline Cunha.

Sexo: Masculino	Idade: 43 anos	Carga horária: 40h.	Nível de formação: Licenciatura em História e Geografia	Efetividade: Convocação
-----------------	----------------	---------------------	---------------------------------------------------------	-------------------------

Docente 2 – Já conhecia a modalidade EJA há algum tempo Quando surgiu à oportunidade na escola em que trabalhava durante o dia, de vagas para a EJA, resolveu encarar o desafio e “acabei me identificando muito com o Ensino de Adultos”. Vê a EJA como uma modalidade de ensino “compensatória”, para atender principalmente os aluno/as que não tiveram a oportunidade de estudar na idade normal ou obrigatória. Considera uma modalidade diferenciada, pois a “visão dos alunos é diferente das crianças ou adolescentes do ensino regular. Os interesses são outros.” Acredita que tanto o aluno quanto o professor podem aprender muito entre si. Já participou de várias formações, pois acredita que na atividade docente a formação é um aspecto importante, para que o aluno da EJA não se prepare da mesma forma como o aluno do Ensino Regular “dentro de uma fôrma de pão”. Preocupa-se com “o descaso e a desvalorização da Educação e da EJA pelos governantes, que não se dão conta da importância de manter o aluno na escola, também como forma de afastá-lo das prisões”. Há mais de

cinco anos que trabalha com essa modalidade de ensino e além de gostar do que faz, ressalta a importância de “incentivá-los e motivá-los para que continuem estudando, para mudar de vida e ter consciência do mundo e sociedade que vivemos”.

Sexo: Masculino	Idade: 44 anos	Carga horária: 40h.	Nível de formação: Licenciatura em Letras – Port./Inglês	Efetividade: Contrato
--------------------	----------------	------------------------	-------------------------------------------------------------	--------------------------

Docente 3 – Não conhecia a modalidade EJA. O seu primeiro contato foi ao assumir turmas do Ens. Regular e da EJA, na escola em que acontece a pesquisa, com a disciplina de Inglês. Percebe a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade “bastante diferenciada do Ens. Regular”, pois os alunos têm uma série de dificuldades de aprendizagem, defasagem de conhecimentos formais, além de idades bastante diferenciadas. Acha que a forma de trabalhar com a EJA é diferente no que diz respeito ao tempo para desenvolver conteúdos. Julga importante a formação docente específica para EJA, pois “o tipo de aluno é diferente e tem necessidades e objetivos diferenciados do aluno da modalidade regular, pelo menos na sua maioria.”

Sexo: Masculino	Idade: 59 anos	Carga horária: 40h.	Nível de formação: Licenciatura em História e Geografia	Efetividade: Contrato
--------------------	----------------	------------------------	------------------------------------------------------------	--------------------------

Docente 4 – Trabalha com EJA desde 2001, quando a modalidade iniciou a ser implantada na Rede Estadual de Ensino em Gravataí - RS. Vê a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, bastante diferenciada, pois “os alunos já passaram pela fase cognitiva concreta para a fase formal, o que facilita a compreensão da matéria curricular. Também sua bagagem de conhecimento é maior, visto que o aluno tem uma vivência e conhecimento do cotidiano de forma mais crítica.” Não vê necessidade de formação específica para EJA, pois “a matéria curricular é universal, bem como o conhecimento a ser transmitido é o mesmo, para o regular e à EJA”. Sua dificuldade de trabalho nessa área de atuação se dá “com alunos com necessidades especiais de aprendizagem. Melhor dizendo, em socializá-los, lidar também com comportamentos lúdicos que trazem do regular”. Acredita que isso aconteça, porque em muitos casos, não é respeitada a idade mínima para frequentar a EJA, sendo alunos muito “prematureos”, isto é, muito jovens.

Sexo: Feminino	Idade: 47 anos	Carga horária: 60h (40h. no município de Eldorado e 20h. no estado em POA	Nível de formação: Licenciatura em Ciências	Efetividade: Nomeação
-------------------	----------------	------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------	--------------------------

Docente 5 – Apesar de trabalhar a 16 anos, sua 1ª experiência com a EJA surgiu da oportunidade de assumir no município de Eldorado do Sul a vice-direção do diurno (40 h.) da escola em que trabalhava, as outras 20 h do Estado, no turno da noite, portanto, para a EJA em 2006. Vê a Educação de Jovens e Adultos como uma oportunidade de conclusão do Ensino Fundamental e Médio num espaço de tempo reduzido. A diferença da modalidade EJA com relação ao Ens. Regular se dá com relação à questão tempo, isto é, há menos tempo no desenvolvimento da abordagem de conteúdos. Além da faixa etária, bastante heterogênea também no que diz respeito à idade dos alunos.

Sexo: Feminino	Idade: 45 anos	Carga horária: 40h	Nível de formação: Licenciatura em Inglês/Português e respectivas Literaturas	Efetividade: Nomeação
----------------	----------------	-----------------------	----------------------------------------------------------------------------------	--------------------------

Docente 6 – Diz que sempre teve um interesse especial em trabalhar com pessoas que deixaram a escola e voltaram depois. Sua visão sobre a EJA não difere daquela do Ensino Regular, pois ambas têm dificuldades, facilidades, interesses e desinteresses na mesma proporção, com relação ao ensino escolar. No que diz respeito sobre a forma/organização de trabalho na EJA afirma que os “currículos, métodos, tudo é o mesmo que o Ensino Regular, com a única diferença, que é o fator tempo e por isso os conteúdos são reduzidos.” Quanto à necessidade de formação específica em EJA, diz ter tido uma grande frustração: “Ouvi um palestrante dizer que os estudantes de EJA são muito menos inteligentes e difíceis de trabalhar, por isso - serve qualquer coisa.” Do que discorda completamente. Por fim, diz não sentir necessidade de que haja formação, pois para ela: “...são pessoas inteligentes, competentes e interessadas como de qualquer outra modalidade de ensino.”

